



# O QUE É O ANARQUISMO DE LUTA DE CLASSES?

WAYNE PRICE

Wayne Price

## O que é o Anarquismo de Luta de Classes?



Livraria Anarquista Itinerante



GEAPI – Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí

<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br>

[geapi.phb@riseup.net](mailto:geapi.phb@riseup.net)

2014

## SUMÁRIO

Nota do tradutor.....	04
Parte I – Por que a classe trabalhadora.....	05
A luta de classes é central para o capitalismo .....	06
O estereótipo negativo da classe trabalhadora .....	09
Parte 2: A Relação entre a classe trabalhadora e as opressões não classistas .....	10
O modelo base/superestrutura.....	11
Supremacia branca.....	13
Patriarcado .....	14
O papel especial da classe.....	16
Conclusões estratégicas.....	18

## Saudações Socialistas e Libertárias!

Como um “presente de final do ano”, o GEAPI disponibiliza mais uma obra em português. Durante o ano inteiro, houve um esforço cotidiano para trazer ao debate em nossa língua alguns textos já conhecidos em espanhol, francês e inglês. Todos eles auxiliaram na ampliação das ideias anarquistas. Acreditamos sinceramente que este, em especial, possa colaborar infinitamente para o amadurecimento do anarquismo no Brasil, fragmentado por tendências ditas “libertárias” que insistem em negar um dos vetores de maior importância (senão o mais importante) dentro da teoria anarquista: A luta de classes.

Em “O que é o Anarquismo de Luta de Classes?”, Wayne Price busca traçar algumas indicações do que a luta de classes da atualidade implica em outros fenômenos sociais, como a xenofobia, homofobia, machismo, etc., supondo suas interligações que tem início, meio e fim na coluna vertebral do “Leviatã”: A exploração do sistema econômico capitalista e a sociabilidade desenvolvida por este, reconhecendo a importância das lutas contra cada um destes males, assim como revitalizar um debate histórico: O valor da classe trabalhadora e sua contribuição para a demolição do capitalismo e do Estado.

As relações sociais desenvolvidas no século XIX não foram superadas. Em verdade, foram maximizadas, extremadas. O individualismo do século XIX chega ao século XXI mais avassalador, mais convincente, e mais sedutor. A ciência do século XIX também se aprimorou, e sendo portada pelas classes abastadas, defensora do *status quo*, insiste em dizer que “tudo é ultrapassado”. Neste “todo”, a luta de classes tem fator primordial para a consolidação do modelo científico do século XXI: Dissolvida em suposições abstratas, utópicas, metafísicas, observam que as noções de “classe” já não fazem sentido, como se o capitalismo tivesse sido dissolvido, a hierarquia social eliminada, o Estado esmagado.

“O canto da sereia”, como alguns chamam, pode parecer, “contracultural”, ou “descolado”, mas não passa de mais um pacto intelectual com as elites, já sem a capacidade de produzir. Que os anarquistas tenham força ideológica para expulsar este câncer impregnado em seu meio, e retomem a via que conduz à Revolução Social e Libertária.

## Parte 1: Por que a classe trabalhadora

Recentemente me escreveu um amigo ativista, que foi influenciado pelo programa de Economia Participativa de Michael Albert. Ele me perguntava “Por que deveríamos nos chamar anarquistas de luta de classes em vez de anarquistas feministas-antirracistas-verdes-de luta de classes?”. Como mínimo, a sua abordagem inclui o conflito de classes como um dos aspectos da luta social. Há muitos, liberais e radicais, que rejeitam completamente a luta de classes. Muitos denunciam os sindicatos (da direita). Hardt e Negri foram influentes na substituição da classe trabalhadora, teoricamente, com o conceito de “multidão”.

Entre os anarquistas, uma grande parte rejeita qualquer papel importante dos trabalhadores na luta de classes. Isto é assim para aqueles que pretendem rejeitar civilização e da indústria. Apesar de discordar dos primivistas, também é verdade para Murray Bookchin. Por exemplo, em seu ensaio “Ouçam, marxistas!” (em *Post-Scarcity Anarchism*, 1986, Montreal: Black Rose Books), ele denunciou “o mito do proletariado”. “A classe trabalhadora [foi] neutralizada como ‘agente de mudança revolucionária’... A luta de classes [foi] cooptada para o capitalismo”. (P. 202) nega o potencial revolucionário dos trabalhadores, e no lugar deles, foca-se na “juventude”, o “povo” ou “cidadãos” que mudariam a sociedade unicamente por razões morais.

A rejeição da classe operária é a posição de quase todos os marxistas-leninistas (incluindo os Partidos Comunistas, Maoístas e Trotskistas ortodoxos). O Marxismo-Leninismo da boca para fora defende a crença de Marx na centralidade da luta da classe trabalhadora. Mas na realidade os marxistas acreditam que podem haver revoluções “socialistas” sem a classe trabalhadora (como na Europa Oriental, China, Vietnã e Cuba). E pode haver sociedade “socialista” (“pós-capitalista” ou qualquer outro), sem a participação da classe operária e, de fato, com os trabalhadores sendo brutalmente oprimidos (como na União Soviética, China, etc.). Em condições não revolucionárias, essas visões os conduzem em direção a colaboração de classe (reformismo). Já que o socialismo não exige o despertar dos trabalhadores, na sua opinião, seus partidos poderiam muito bem formar alianças com os capitalistas.

Por que, então, os anarquistas revolucionários devem se chamar de anarquistas de luta de classes? Meu amigo ofereceu uma explicação parcial:

Não é controverso na esquerda nos chamarmos “feministas” ou “antirracistas”. Até os liberais o fazem. Algum tipo de pensamento ecológico ou ambiental é aceito por quase todos, exceto para a extrema direita. Mas a crença em uma perspectiva de classe contra classe é realizada apenas por uma minoria. Para ter certeza, há muitas pessoas que são a favor de sindicatos. Agora mesmo John Edwards está concorrendo à presidência dos Estados Unidos com um programa de apoio aos sindicatos e redução da pobreza. Ainda assim o seu programa se opõe à luta de classes. É para obter o apoio dos trabalhadores ao seu partido capitalista.

Da mesma forma, Andy Stern, presidente da *International Service Employees Union* (e muito pior do que os sindicatos oficiais), faz coligações com as empresas. Ele escreveu, “Os empregados e os empregadores precisam de organizações que resolvem os problemas, não que os criem”. Isso não é o mesmo que “A emancipação da classe trabalhadora deve ser conquistado pela própria classe trabalhadora” (primeira cláusula do Estatuto da Primeira Internacional, escrita por Marx e amada por todos os anarquistas revolucionários). Chamando a nós mesmos de anarquistas de luta de classes, apontamos a favor de quem estamos... E contra quem estamos.

O anarquismo luta de classes continua a tradição do anarquismo comunista e anarco-sindicalismo, e sobrepõe-se com o marxismo libertário (autonomia) como o comunismo de conselhos. Na sua revisão do atual anarquismo britânico, Benjamin Franks escreve: “As organizações identificadas com o título de ‘anarquismo de luta de classes’, incluindo aquelas que se identificam como tal, bem como aquelas provenientes do marxismo inspirado nas tradições autonomista e situacionista”. (*Rebel Alliances*, 2006, Edimburgo. AK Press & Dark Star, p 12). Eu não tenho a pretensão de falar por todas as organizações, nem eu sou um porta-voz oficial para a minha própria federação. No entanto, creio que minhas opiniões são consistentes com a corrente principal do anarquismo de luta de classes. Não vou discutir todos os aspectos do anarquismo de luta de classes (como nossa meta de socialismo descentralizado, a autogesrido). Em vez disso, vou focar na importância da classe trabalhadora, do enfoque de classe contra classe.

### **A luta de classes é central para o capitalismo**

Vamos dar uma olhada no sistema “econômico” do capitalismo - mesmo sem considerar como se relaciona com os outros sistemas de opressão, como gênero ou raça (isto será discutido na Parte 2). Não tenho a pretensão de que os trabalhadores individuais são melhores, mais nobres ou mais bonitos do que os capitalistas individuais, ou os agricultores, ou presidentes de universidades. Individualmente, os trabalhadores podem ser tão ruins quanto qualquer outro. A questão é o potencial do papel social da classe trabalhadora.

Os trabalhadores, como uma coletividade, têm uma relação especial com os meios de produção. Os meios de produção (de distribuição, e serviços sociais) são propriedade de uma minoria, a classe capitalista, que está obrigada a acumular capital. Nós, trabalhadores, sem terra ou maquinário, vendemos para os capitalistas, ou melhor, devemos vender a nossa capacidade de trabalhar por um tempo (a mercadoria força de trabalho). Trabalhamos até nós tenhamos produzido produtos suficientes para igualar o valor dos nossos salários. Então continuamos a trabalhar, para produzir mais produtos, criando mais-valia, que é a base do benefício dos empresários. Ou seja, somos explorados. Somos explorados, não apenas como individualidades, mas como uma comunidade, toda uma massa de pessoas cooperando, que é obrigada a trabalhar em conjunto no local de trabalho e na sociedade como um todo, a fim de manter o sistema em funcionamento.

Observando as estatísticas de emprego, Michael Zweig define 62 por cento da força de trabalho americana como classe trabalhadora (in *The Working Class* Maioria de 2000, Ithica, NY. ILR/Cornell University Press). Ele também observa que o Departamento do Trabalho dos Estados Unidos, classifica os 82 por cento dos trabalhadores do sector privado, não agrícolas como trabalhadores não-supervisores. “É por isso que eu digo que nós vivemos em um país com uma classe trabalhadora majoritária”. (P. 30) Os trabalhadores incluem os trabalhadores de colarinho azul e branco, trabalhadores “do braço e do cérebro” (e trabalhadoras de colarinho rosa, como são chamadas as trabalhadoras mulheres).

A classe operária, como CLASSE, é mais ampla que os trabalhadores imediatamente contratados por salários. Isso inclui os trabalhadores desempregados e reformados. Além de mulheres empregadas, incluindo donas de casa casadas com trabalhadores homens e seus filhos. Esta é uma classe inteira, contraposta a outra classe.

(Existe o que é usualmente chamado como “classe média”. Esta é tipicamente considerada como incluindo os trabalhadores de colarinho branco e qualificados, profissionais independentes, pequenos empresários, e os níveis gerenciais mais baixos. Estas classes médias não são na verdade, uma classe independente. Em sua maioria, são parte de uma das duas classes principais, capitalista e classe trabalhadora, e eles usualmente se orientam entre uma ou outra).

Tradicionalmente, o anarquismo, como todas as variedades de socialismo, se opôs a exploração de classe, ao conseqüente trabalho alienado e a pobreza que cria. Os anarquistas e marxistas igualmente apontaram para uma sociedade sem classes. Quem poderia criar essa sociedade? Moralmente, é do interesse de toda a humanidade. Mas, certamente, aqueles que são imediatamente explorados têm um interesse especial em acabar com a exploração. Sua experiência faz com que seja mais fácil para que eles tenham uma visão moral. É errado elevar “ao povo” ou “aos cidadãos” sobre os trabalhadores em sua necessidade direta para acabar com a exploração. Este ponto de vista significaria que aqueles que não são imediatamente explorados pelo capitalismo têm tantos motivos para lutar contra a exploração como aqueles que são obrigados ao trabalho alienado. É considerar que existe a mesma probabilidade de que o capitalista, o policial e gerente se oponham à exploração capitalista que aqueles que estão “sob o chicote” em seu trabalho. Esta opinião é conveniente para aqueles que querem negar a necessidade de uma revolução.

Em sua brilhante defesa da perspectiva da classe trabalhadora, *The Retreat from Class* (1998, Londres: Verso), Ellen Meiksens Wood critica vários “pós-marxistas” (mas bem poderia estar criticando Bookchin): “A implicação [de seus pontos de vista não classistas - WP] é que os trabalhadores não são mais afetados pela exploração capitalista do que qualquer outro ser humano que não é o objeto direto de exploração. Isto também implica que os capitalistas não obtêm nenhuma vantagem fundamental da exploração dos trabalhadores, que os trabalhadores não obtêm nenhuma desvantagem fundamental da sua exploração pelo capital, que os trabalhadores não poderiam obter qualquer vantagem fundamental cessando de serem explorados, que as relações entre capital e trabalho tem conseqüências fundamentais para toda a estrutura de poder social e político, e os interesses em conflito entre capital e trabalho estão apenas nos olhos de quem vê... Isso faz com que não tenha sentido... A história completa das lutas dos trabalhadores contra o capital”. (p. 61).

Não é inevitável que os trabalhadores vão se tornar revolucionários (embora Marx e Engels podem ser lidos neste sentido). Os trabalhadores em melhor situação podem ser comprados. Os trabalhadores em pior situação podem ser desmoralizados e derrotados. Bookchin argumenta que a hierarquia natural do local de trabalho capitalista ensina os trabalhadores a aceitarem a subordinação. Se isto é assim, os oprimidos vão resistir. Se o interesse dos trabalhadores é a de resistir à exploração. Na verdade, há uma falta de satisfação e lutas constantes (de nível baixo) em qualquer local de trabalho. Este conflito resultou em consciência revolucionária, pelo menos por uma minoria. Desde que os trabalhadores (a diferença, por exemplo, camponeses) não têm terra ou máquinas próprias, tendemos a ser coletivistas e cooperativos em nossas organizações e programas. E tendo em nossas mãos os meios de produção, transporte, distribuição, comunicação e serviços, a nossa classe tem um enorme poder (potencial), o qual poderia abalar toda a sociedade. Mais uma vez, estas tendências e potencial, não são inevitáveis.

### **O estereótipo negativo da classe trabalhadora**

Não deveria surpreender que a maioria da esquerda - anarquista e não anarquista - tenham pontos de vista *anti-classe* trabalhadora. A esquerda está dominada por pessoas da classe média. Alguns como os estudantes universitários, podem ser mais facilmente “radicalizáveis” que a maioria dos trabalhadores, porque os estudantes não têm responsabilidades imediatas de ganhar a vida e sustentar a família. Mas seus privilégios relativos os fazem mais propensos a ter preconceito de classe contra os trabalhadores. Eles podem ter pressupostos elitistas inconscientes sobre o seu “direito” de governar. Os liberais procuram melhorar a sociedade dentro dos centros de poder existentes. Os mais radicais são atraídos por visões de uma classe dominante burocrática, com a nacionalização e planificação centralizada, tal como existia sob o capitalismo de Estado na União Soviética, China maoísta e Cuba de Fidel Castro. Outros imaginam que eles podem criar um mundo melhor apenas viver em uma liberdade pessoal boêmia (o que não é mau em si mesmo, mas não é uma alternativa para a construção de movimentos populares).

Os inimigos de classe média da classe trabalhadora argumentam que os trabalhadores estadunidenses são ignorantes, racistas, sexistas, *superpatrióticos*,

religiosamente supersticiosos, xenofóbicos, e politicamente passivos. Este é o estereótipo negativo. Como a maioria dos estereótipos, contém verdades e falsidades. Ignora o fato de que a classe dos trabalhadores inclui a maioria das pessoas negras, imigrantes, mulheres, etc. Deixa de lado que os trabalhadores estão geralmente a favor do cuidado de saúde universal e de outros serviços sociais, contra a guerra no Iraque, suspeitam dos grandes empresários e dos políticos, são pró-sindicatos, antifascistas e pró-democracia. Na medida em que o estereótipo negativo é verdade, é verdade para todas as classes. Os trabalhadores não são mais politicamente ignorantes, racistas, etc. que as classes médias ou altas estadunidenses.

É certamente verdade que os trabalhadores (nos EUA e em outros lugares) não são anarquistas revolucionários. Mas esta é outra maneira de dizer que a população dos Estados Unidos ou em qualquer lugar, independentemente de classes, não é anarquista revolucionária. Em algumas partes da população pode haver mais radicais que em outros, em geral, estamos muito, muito longe de estarmos em um período pré-revolucionário em que a maioria popular queira uma grande mudança social.

Infelizmente, há muita verdade no estereótipo negativo da classe trabalhadora. Não é o suficiente para que os trabalhadores não sejam piores que as classes médias ou altas. A classe trabalhadora precisa ser melhor do que as outras classes, se quisermos criar uma sociedade em autogestão. Como superar as fraquezas da classe trabalhadora? Apenas lutando. No decorrer da luta - desde as oficinas, os problemas da comunidade até a revolução - nossa classe aprende e melhora. Através da luta nos educamos. Tornamo-nos capazes da verdadeira democracia. Não há outro caminho.

Neste momento, a minoria que são a favor da revolução anarquista deve estar pensando em uma estratégia de longo prazo: Quem está interessado em acabar com a exploração capitalista? Quem tem o poder potencial para parar sociedade e mudar o sistema? Quem tem uma história de luta contra a exploração capitalista? As respostas a estas questões estratégicas nos levará a uma perspectiva de classe trabalhadora.

**Parte 2: A Relação entre a classe trabalhadora e as opressões não classistas.**

Como falei na primeira parte, a classe trabalhadores é central na luta contra o capitalismo. Mas qual é sua relação com outros setores da população e seus sistemas de opressão? Como a classe se refere às mulheres e ao patriarcado; aos afro-americanos e a supremacia branca; as nações do “terceiro mundo” e o neocolonialismo; aos imigrantes e o nativismo; e as outras opressões, tão numerosas para nomeá-las? Como a classe trabalhadora se refere aos assuntos aparentemente não classistas como a guerra e o aquecimento global? Não estou discutindo a moralidade da opressão, e muito menos se uma forma de opressão é pior que a outra (como o antissemitismo versus a discriminação contra os surdos). Todas as opressões são maléficas e deveríamos nos opor. Quero discutir uma análise das relações entre as opressões e as conclusões estratégicas que se podem tirar disso.

### **O modelo base/superestrutura.**

Os marxistas usaram tradicionalmente um modelo de uma base e uma superestrutura. A base se supõe que é o processo de produção como está organizado em uma sociedade particular, particularmente as relações e as classes. A superestrutura é todo o resto: O Estado, a cultura, as relações de gênero e raciais, etc. A vantagem dessa metáfora é que faz insistência na enorme influência das relações de classe sobre todos os aspectos da sociedade; esta é a força do materialismo histórico. Mas há dificuldades com esse modelo. Por exemplo, se o Estado é essencial para a manutenção do capitalismo, então porque está na superestrutura e não na base? Estrategicamente, esta imagem pode nos levar a considerar todos os assuntos não classistas só como derivados. Isto pode ser tomado no sentido de que os revolucionários só deveriam se focar nos assuntos classistas, porque as opressões não classistas serão automaticamente resolvidas uma vez que a sociedade sem classes avance. Segundo este ponto de vista, os assuntos não classistas são distrações irrelevantes do verdadeiro assunto. Não são reais. Uma vez que os trabalhadores tomem o poder, pode se pensar, as opressões não classistas, como o Estado, se “extinguiriam”, sem nenhum esforço especial para tratar com elas.

Os marxistas sofisticados possuem uma interpretação sutil, mais dialética, porém o modelo se presta a esta política mecanicista. Consideremos a declaração da libertária *Class War Federation* (Reino Unido) de que as funções da

classe média são “promover ideias que nos mantêm dividido como o racismo e o sexismo... para distrair nossa energia em atividades inofensivas o que chamamos de reformismo, por exemplo, Greenpeace, CND (Comitê para o Desarmamento Nuclear), feminismo, sindicalismo...” (Unfinished Business..., 1992, Stirling, Scotland: AK Press; p. 57). O livro possui uma caricatura na qual as pessoas ricas estão dançando em uma plataforma que está sendo sustentada por pessoas que estão atordoadas pensando (em círculos) “Ecologia, Anti-bombas, vegetarianismo, feminismo, terceiro mundo, Salvem as...” (p. 8). Como mínimo, nesta declaração e caricatura, os movimentos para o equilíbrio ecológico, a liberação das mulheres, a libertação nacional e a oposição à guerra nuclear não são vistos como possíveis aliados da “guerra de classes”, só como diversões da classe média. Racismo e sexismo são vistos como problemas só porque dividem a classe trabalhadora, e não como temas em si.

Por outro lado, o historiador marxista, Ellen Meiksins Wood, conclui, “a metáfora base/superestrutura sempre foi mais problemática do que vale a pena... Tem sido feita para suportar o peso teórico mais além das suas capacidades...” (Democracy Against Capitalism, 1995, Cambridge, Britain: Cambridge Univ. Press; p. 49-50) (Como estabeleço na parte I, o anarquismo de luta de classes se solapa em grande extensão com o marxismo libertário, me considero propriamente como um anarquista informado sobre o marxismo).

Há uma metáfora que também nego, que é um estrito pluralismo. As distintas opressões da sociedade são vistas como paralela de cada uma das outras, cada uma separadamente, sustentando-se a si mesma. A opressão das mulheres é vista como real, mas distinta do racismo, o qual está separado da homofobia, transfobia, lesbofobia, etc, e estão todas em paralelo a algo chamado “classismo”. Ainda quando este ponto de vista reverbera na realidade das distintas opressões, leva a um ponto de vista reformista: que vale tudo para a luta das mulheres, por exemplo, ignorar classe e raça (e logo ser dominadas por mulheres brancas de classe média que aceitam o capitalismo), como que o movimento operário paralelo pode ignorar o sexismo e o racismo, já que são opressões distintas. Não obstante, desejaria enfatizar que todas as opressões estão entrelaçadas e sobrepostas, inclinando-se e dando suporte umas as outras. Gosto da metáfora de uma pilha de pauzinhos, todos inclinados sobre os outros, ainda que alguns podem ser mais centrais na pilha que outros.

## Supremacia branca

Muitos tratam as opressões como populações distintas; como se os trabalhadores estiveram por aqui, as mulheres por ali, os afro-americanos em outra área. Isto é enganoso. A população estadunidense, por exemplo, pode ser analisada em termos de classe: Capitalistas, trabalhadores e setores médios. Pode ser também analisada em termos de raça e nacionalidade/etnia: Europeus-americanos, afro-americanos, latinos, asiáticos-americanos, nativos americanos e outros. Pode ser analisada em termos de gênero: Homem ou mulher. Pode ser analisada em termos de orientação sexual: Heterossexual, LGBTTT's, etc.. Sem dúvidas, estas seguem sendo os mesmos seres humanos. Estas análises com abstrações: Abstraímos (tiramos) certas características com a finalidade de entendê-las melhor. A análise do sistema de opressão é, verdadeiramente, útil para entender como as pessoas se comportam e como se definem a si mesmos. Mas segue sendo a mesma população. Os sistemas se superpõem e interatuam. Por exemplo, as mulheres trabalhadoras afro-americanas não estão oprimidas como negras em dado momento, e logo em outro momento oprimidas/exploradas como trabalhadoras (considerando que até em suas horas de trabalho depende de suas credenciais obtidas como trabalhadora). Poderiam analisa-la desta forma, mas os fatos em sua vida é uma totalidade.

Consideremos a supremacia branca. Os africanos foram primeiro sequestrados e usados no Norte e na América do Sul por claras razões econômicas: Ser um tipo de trabalhadores, chamados de escravos. Eles produziam mercadorias (tabaco, algodão, etc.) as quais eram vendidas no mercado mundial. Hoje os afro-americanos são oprimidos dentro da classe trabalhadora, a maioria pertence aos setores mais pobres. Sua opressão serve a duas classes e a dois propósitos: Criam um fundo de trabalhadores que podem ser *superexplorados* por baixos salários e debilita a totalidade da classes, dadas as divisões raciais e a crença dos trabalhadores brancos em sua superioridade. Ainda que o etnocentrismo é tão antigo quanto a espécie humana, o racismo é uma ideologia que foi inventada durante o escravismo para justificar a escravidão e o roubo de nativos americanos. Foi elaborada na era do imperialismo para conseguir apoio ao colonialismo.

Mas essa análise não significa que a supremacia branca é somente assunto da economia. Há, depois de tudo, alguns ricos afro-americanos, os quais podem seguir sendo presos por serem negros. Seja qual for suas origens, a opressão racial é real. Em sua luta contra ele, os afro-americanos vão se criando como um povo, com sua própria cultura e consciência – Um povo que segue lutando por sua liberdade. Com um conjunto de opiniões, o racismo é quase universal entre os brancos, no ranking que vai desde os “pontos cegos” liberais, que até os antirracistas também temos, aos prejuízos moderados da maioria dos brancos, até o ódio virulento dos fascistas. O racismo afeta não só a economia, como também a política e a cultura da sociedade. Este não desaparecerá só através de argumentos racionais; se exige lutas de massas – lutas do povo negro enquanto povo negro, em aliança com os antirracistas brancos.

As lutas dos afro-americanos se superpõem com todas as outras lutas. Nos anos 50 e 60, a rebelião dos afro-americanos teve um papel chave na movimentação de toda a sociedade, inspirando o movimento anti-guerra, o movimento de mulheres, o movimento gay, como também as lutas da classe trabalhadora (M. L. King foi assassinado em Memphis enquanto apoiava a greve de trabalhadores da saúde, majoritariamente negros). Fizeram-se grandes progressos na limitação da supremacia branca – O chamado fim da segregação legal (Jim Crow). Mas os variados mecanismos da sociedade racista-capitalista deixaram os afro-americanos no fundo da sociedade. É preciso uma revolução total modificar isso.

## **Patriarcado**

O patriarcado – supremacia masculina – também interatua com todos os outros aspectos de nossa sociedade opressiva, autoritária. As vidas das mulheres são diretamente afetadas por sua raça e por sua classe. Aproximadamente metade das mulheres adultas são trabalhadoras empregadas. Incluindo as desempregadas donas de casa, dependem do salário de seus maridos, os quais dependem de sua classe, e estão influenciados por sua raça.

Mais fundamentalmente, a vida das mulheres está determinada por seu papel na família, o qual está determinado pelo tipo de sociedade em que se está. A família nuclear do capitalismo tardio é o centro do consumo de mercadorias. É onde a mercadoria força de trabalho dos trabalhadores (homens e

mulheres, adultos e crianças) é criada e recriada. É onde a psicologia social de nossa sociedade é passada até outra geração. As relações entre a família e o capitalismo são sutis e complexas mas muito reais. A imagem da mulher está diretamente relacionada com seu papel na família (e antes do capitalismo, nas famílias das sociedades feudais, escravistas, etc.).

Interessante; Engels inclui o papel da mulher na “base” da sociedade junto à produção de bens. “De acordo com as concepções materialistas, o fator determinante da história é, em última instância (destacado por W.P.), a produção e reprodução imediata da vida. Isto, novamente, em um duplo caráter... A produção dos meios de existência...; e por outro lado, a produção dos seres humanos, a propagação da espécie... A organização social... está determinada por ambos tipos de produção: pelo estado de desenvolvimento do trabalho por um lado, e por outro a família”. (Sobre el origen de la familia, la propiedad privada y el Estado, 1972, NY: International Publishers; p. 71-72). Ele especulava que a opressão das mulheres precedeu a sociedade de classes e foi sua origem.

Sem aceitar o modelo de base/superestrutura de Engels (nota-se o qualificativo destacado “em última instância”; alcançaremos alguma vez a “última instância”?) de acordo com que “a produção e a reprodução imediata da vida” influencia fortemente todos os outros processos sociais. Também de acordo com que a opressão das mulheres vem desde muito antes, na pré-história, e está muito profundo nas estruturas de nossa sociedade. Esta afeta diretamente a, e é afetada pela estrutura de classe e todos os outros aspectos de nossa política e cultura. Também será necessária uma revolução total para lhe por um fim.

Poderia seguir falando muitas outras formas de opressão e relacionando-as entre elas e com a estrutura de classe. Por exemplo, a opressão nacional está diretamente relacionada ao imperialismo, enraizado nas relações de classe capitalistas. A destruição ecológica está relacionada com o impulso do capitalismo de acumular capital constantemente, tratando o mundo natural como uma mina. A homofobia está relacionada com a definição social de gênero, enraizada na estrutura familiar capitalista e sua psicologia social. E também, em complexas formas de interação. O ponto é que cada opressão suporta todas as outras; e todas elas suportam a exploração capitalista e são suportadas por ela. A luta contra cada uma requer a luta contra todas; o fim de cada uma

requer o fim de todas. Não haverá sociedade sem classe se não haver também a libertação das mulheres, dos negros, etc.

Em seu estudo sobre as tendências do anarquismo, Benjamin Franks resume seu ponto de vista aqui: Este “considera as relações capitalistas como dominantes na maioria dos contextos, mas não como a única força organizada... O capitalismo interage com outras formas de práticas opressivas que podem não ser totalmente redutíveis a atividade econômica. Aqui as diferentes identidades subjugadas são formadas... No entanto, como o capitalismo continua a ser um fator significativo, a libertação econômica também deve ser uma característica necessária” (Rebel Alliances, 2006, Edinburgh: AK Press, p 181).

## **O papel especial da classe**

Cada forma de opressão deve ser analisada em sua realização. Por exemplo, a opressão das mulheres não funciona da mesma forma que a opressão/exploração da classe trabalhadora. Olhando para o sistema de classes, há aspectos específicos que o distinguem de outras formas de opressão sistêmica.

Em primeiro lugar, sobre o objetivo. O objetivo da libertação das mulheres não é a destruição do homem, mas a reorganização das relações entre homens e mulheres (embora a definição do que são os homens e as mulheres provavelmente mude ao longo do tempo são). O objetivo da libertação negra não é a destruição de pessoas brancas, mas a reorganização das relações entre europeus e americanos afro-americanos (embora, a longo prazo, as raças possam se dissolver como grupos separados). Mas o objetivo de uma revolução da classe trabalhadora é a derrubada total da classe capitalista, a sua destruição, como uma classe, e sua substituição com o domínio sem Estado da classe trabalhadora (movendo em direção a uma sociedade sem classes).

Em segundo lugar, no poder dos dominantes. Como um grupo, os homens dominam as mulheres. Mas isso não significa que os homens -todos os homens- dirijam a sociedade. Não há reuniões de homens para tomar decisões sobre como governar. (Se existem, eu nunca fui convidado). Muitos homens fazem parte da classe trabalhadora e têm pouco poder. Dar-lhes a escolha, eles provavelmente preferem programas de cuidados infantis e o fim da discrimi-

nação da mulher no trabalho (o que provavelmente inclui suas esposas e filhas). Da mesma forma as pessoas brancas, como um coletivo, dominam as pessoas negras. Mas as pessoas brancas não fazem reuniões especiais onde se decide sobre a política interna e externa. Mais uma vez, a maioria dos europeus-americanos são da classe trabalhadora e realmente não possuem o poder (seja lá o que se imaginem).

No entanto, a classe capitalista realmente governa a sociedade! É por isso que eles são chamados de classe dominante. (É claro que a maioria dos empreendedores são homens e brancos). Os capitalistas têm seus negócios e os governam (diretamente ou através de gerentes). Apenas cerca de 1 a 5 por cento da população, controla a produção de bens e serviços dos quais vivemos todos nós. Eles determinam o emprego ou desemprego dos trabalhadores. Com sua riqueza e influência, controlam ambos os partidos políticos. Eles possuem e dirigem os meios de comunicação, que são as principais rotas de notícias e formação da cultura popular. Eles dominam o governo em todos os níveis. O seu domínio de classe deve ser totalmente derrubado, se queremos um mundo melhor.

Em terceiro lugar, o poder potencial dos oprimidos. Como já foi dito, as lutas dos afro-americanos nos anos cinquenta e sessenta balançaram todos os aspectos da vida estadunidense. Gostaria também de salientar a influência dos vietnamitas, uma nação oprimida que resistiu imperialismo americano. Suas lutas de libertação nacional acrescentaram muito durante este período de agitação nos EUA (e do mundo). O movimento de libertação das mulheres também afetou a nossa cultura e política. O movimento gay era mais marginal em tamanho, mas o seu impacto foi muito grande causando reconsideração de estereótipos sexuais. (Os direitos das mulheres e os direitos dos homossexuais continuam a serem questões importantes na política norte-americana).

Sem dúvidas, a classe trabalhadora é única entre os grupos oprimidos, por seu poder possível. Como eu disse na Parte I, apenas os trabalhadores (como trabalhadores) podem todos juntos parar esta sociedade. E somente a classe trabalhadora pode começar de novo com uma nova base. Nossa classe produziu todos os bens; Nós os transportamos; nós os distribuímos; nós atendemos as necessidades do povo. Nós temos um enorme potencial. Qualquer um que tenha estado em uma cidade durante uma greve geral sabe como isso é verdade. A greve geral de sucesso em uma cidade poderia transformar a

política estadunidense. Grande parte das políticas capitalistas existe para impedir que a classe trabalhadora se torne consciente do seu poder e o utilize.

### **Conclusões estratégicas**

A partir da análise acima, eu tiro conclusões de nível estratégico (e não apenas moral). A primeira é que não há problema em chamar anarquistas de luta de classes. Estamos no direito de colocar a luta de classes especificamente no centro das nossas políticas. Estrategicamente, o inimigo principal é a classe dominante capitalista e seus aliados. Buscamos mobilizar o enorme poder, único, a maioria da classe trabalhadora contra eles.

Em segundo lugar, nós, revolucionários, deveríamos apoiar todas e cada uma das lutas contra a opressão, não importando quão grande ou pequeno elas são, ou se eles estiverem conectados de forma direta nas questões de classe ou não (na medida em que todos os tipos de opressão se sobrepõem com a opressão de classe). Além de ter suas próprias fontes, cada sistema de opressão apoia o capitalismo, e é apoiado pelo capitalismo. O que equivale a dizer que lutando contra a opressão cada se implode o capitalismo, como lutando contra o capitalismo implode cada opressão.

Este sistema é muito poderoso e complexo. Tudo o que temos para derrubar será necessário. Devemos apontar cada mal dessa sociedade para abrir os olhos das pessoas sobre a necessidade de revolução. Precisamos de todos os assuntos que possam mobilizar as pessoas para lutar em seu nome. Na prática, um grupo revolucionário precisa priorizar seus poderes limitados, mas os princípios devem se opor a todos os efeitos do mal desta sociedade, e estar do lado de todos aqueles que lutam por um mundo melhor.

Estas duas conclusões estratégicas não se contradizem. É no cruzamento entre a exploração e opressão não-classista para encontrar o maior potencial de paixão revolucionária entre a classe trabalhadora imigrante ou mulheres da classe trabalhadora, por exemplo. Em cada luta dos trabalhadores, devemos olhar para os efeitos sobre as mulheres, afro-americanos, os imigrantes, os jovens, etc. Devemos usar essas conexões para fortalecer a luta – caso contrário, eles podem se tornar fontes de divisão e fraqueza. Além disso, cada movimento não classista deve procurar o conflito de classes. Devemos opor-

se à liderança da classe média pró-capitalista no movimento das mulheres, no pacifismo, no movimento Africano-Americano, etc. – e mesmo nos sindicatos! Em vez disso, levantamos um programa que seja do interesse das mulheres da classe trabalhadora, os trabalhadores afro-americanos, etc., e que expõe as causas capitalistas de guerra. O capitalismo é o centro da rede autoritária de opressões. Todas elas devem ser abolidas.

Os Manifesto Comunista estabelece (e os anarquistas de luta de classes concordariam), “Todos os movimentos históricos têm sido, movimentos de minorias, ou os interesses das minorias. O movimento proletário é o autoconsciente, independente da imensa maioria, pelos interesses da grande maioria. O proletariado, a camada mais inferior de nossa sociedade atual, não pode levantar-se, sem explodir o conjunto dos estratos que cobrem a sociedade oficial”. Uma tradução alternativa: “O proletariado... não pode permanecer em pé sem explodir uma superestrutura completa das camadas que compõem a sociedade oficial”. (In.: H. Draper, *The Adventures of the Communist Manifesto*, 1998, Berkeley CA: Center for Socialist Studies, p. 133).

Em outras palavras, a rebelião da classe trabalhadora, especialmente daqueles que estão na parte inferior, agita tudo, revolucionando todos os aspectos em todas as partes da sociedade capitalista. No entanto, Marx e Engels sabiam que, mesmo na Inglaterra do seu tempo, os trabalhadores não eram a maioria, para não falar em outros países. (Ainda hoje, onde temos uma classe operária majoritária em muitos países, o núcleo do proletariado, os trabalhadores industriais, continua a ser uma minoria – Se é que é grande.) Eles falaram da classe operária ganhando aliados entre os oprimidos (mesmo aqueles que não tiveram um completo entendimento de todas as opressões). Vinte anos depois, Engels escreveu: “A classe exclusivamente dependente do salário toda a vida ainda está longe de ser uma maioria entre o povo alemão. Ela é, portanto, obrigada a buscar aliados”. (em Draper, 1998; 232 p.).

Uma Revolução liderada pela classe trabalhadora não será a tomada do poder estatal por uma elite, mas vai ser a autolibertação consciente do “grande maioria”: Todos os oprimidos, cujo centro é o proletariado. E é só o proletariado, a classe trabalhadora (multinacional, multirracial, multicultural, etc.) – pode unir todas essas forças rebeldes, e canalizar até a Revolução. A existência de um movimento proletário majoritário não é dado, mas deve ser criado através da prática revolucionária.

Durante cerca de dois séculos a nossa classe tem lutado. Ela tem conseguido vitórias e sofreu perdas terríveis. Esta classe trabalhadora do capitalismo foi esmagada, vendida, abatida, enganada, foi preconizada como a pior, teve todos os direitos negados, ou teve limitados direitos outorgados, foi enviada para a guerra, seus sindicatos e partidos se voltaram contra ela, tem sido caluniada e explicada por teóricos da classe média. Mesmo neste curto espaço de tempo, tem lutado mais do que qualquer outra classe explorada fez ao longo de milênios. Construiu organizações de massa, fez pequenas greves e greves gerais, forçando os capitalistas a lhes concederem direitos democráticos e abalou o mundo com levantes revolucionários. Existe uma garantia de que a nossa classe, com seus aliados entre os oprimidos, destruirá o capitalismo e toda a opressão? Vamos transformar – “inevitavelmente” – o capitalismo antes que o capitalismo destrua o mundo com uma guerra nuclear ou desastres ambientais? Não, não há nenhuma garantia. Esta é uma questão a ser decidida na luta! Em contrapartida não há uma falha fatal para garantir que a nossa classe nunca terá sucesso. A história está longe de terminar.



